

A Terra tátil em Plotino: dificuldades e possibilidades de trabalho

João Victor Kropf Garcia¹

Resumo

Este artigo investiga a tópica da Terra táctil, quer dizer, a tópica em que é atribuída à Terra o sentido do tato. Ela aparece em uma pequena passagem das *Enéadas* de Plotino (IV,4 [28]. 26, 5-9) e se apresenta inserida na discussão sobre a sensibilidade das estrelas e planetas. Este tema é aparentemente incompatível com a discussão sobre a sensibilidade em seres não humanos nas *Enéadas*. Dada a escassez de bibliografia sobre o tema, a discussão aqui proposta é de uma simples apresentação de questões e problemas referentes à tópica, demonstrando as possibilidades de análise a partir da bibliografia disponível.

Palavras-chave: Plotino; Terra; percepção-sensível; tato.

Introdução e metodologia

O problema da Terra tátil, que aparece na *Enéada* IV. 4 [28]. 26, 5-10, é bastante peculiar (aparentemente, esse tema não ocorre, com esta formulação particular, em nenhum outro texto da Antiguidade)² e permite uma série de questões sobre o mundo sensível (acerca da *αἰσθησίς* dos astros, e dos seres vivos em geral) no pensamento plotiniano. Apesar de parecer algo distante para nós, conferir a Terra um estatuto de ser vivo divino é comum em textos da antiguidade, normalmente associada a deuses como Deméter ou Héstia em diversos textos, se repetindo em textos platônicos e neoplatônicos. Porém, a discussão sobre sua posse de sensações não parece ser. O que torna, em certa medida, curiosa a falta de bibliografia sobre o assunto.

O tema da sensibilidade da Terra (mais especificamente o sentido do tato) foi pouco trabalhado pelos comentadores de Plotino, rendendo, no geral, apenas notas de

¹ Bolsista de Iniciação Científica UFF/CNPq, vigência 2023/2024, sob orientação do Professor Marcus Reis Pinheiro, do Departamento de Filosofia.

² Importante indicar que a *Teologia de Aristóteles* (texto árabe erroneamente atribuído ao estagirita, que foi posteriormente identificado como uma recepção das *Enéadas* de Plotino, com inserções de Porfírio) faz referência à sensação da Terra em seu prólogo: *Ceph.* 98 (segundo a numeração de Henry-Schwyzer), porém, sem mencionar o tato especificamente.

rodapé e curtos comentários sobre a tópica em si.³ Por conta dessa falta de bibliografia, serão descritas aqui três possibilidades de acesso à questão: (1) a comparação da descrição dos sentidos da Terra com os astros; (2) o debate dos sentidos nas *Enéadas*; (3) a abordagem sinestésica do tato com os outros sentidos – de maneira a demonstrar suas dificuldades de abordagem e possibilidades de análise, sem necessariamente buscar soluções para esses problemas. Dessa forma, o artigo é dividido em duas partes: a primeira, em que introduzo o problema e algumas dificuldades próprias a ele, e uma segunda, em que a posição dos comentadores é debatida e as possibilidades de análise, dentro do que foi trabalhado por eles. Não há pretensão de, neste artigo, resolver o problema tão pouco discutido. Seu intuito é apenas de expor a relevância da tópica, apresentar a posição dos principais comentadores e de cogitar possibilidades de acesso à questão.

O tato da Terra e os astros

O roteiro que leva ao problema da percepção da Terra é simples: na *Enéada* IV. 4 [28]. 26 é descrita a maneira como os astros tomam conhecimento, através da unidade do cosmo, das preces feitas a eles e como os magos conseguem impelir certas ações a partir desta mesma unidade, aproveitando-se da “simpatia universal”.⁴ A partir dessa discussão, é posta a pergunta: deveria a Terra possuir sensações? A resposta é positiva, já que, como foi discutido anteriormente no texto, os astros são capazes de ouvir (*ἀκούειν*) e ver (*όρᾶν*) (IV. 4 [28]. 25, 13-14), mas somente à Terra é concedido (*δώσομεν*) o sentido do tato (*άφή*), ou mais precisamente, é concedido a ela a percepção tátil de grandes objetos:

Conhecimentos de preces vêm a ser como que por coligação e por certa condição de elementos combinados, e os atos de criar são assim;

³ Para os comentários e notas das edições das *Enéadas*, olhar a segunda sessão e a nota 9 deste artigo.

⁴ Sobre a simpatia universal e sua relação com a magia, ver Emilsson (2015) e Pinheiro (2022).

também nas artes dos magos tudo é para o conectado; e isso é por potências que seguem de modo simpatético. E se é isso, por que não concederemos que a terra sinta? Mas quais sensações? Ou por que não, primeiramente, o tato, das partes pelas partes, em que a sensação é transmitida à parte regente da alma e para o todo, como o do fogo e dos outros elementos? E mesmo que o corpo seja de movimento difícil, certamente não é imóvel. Mas as sensações não serão de pequenas coisas, mas de grandes.⁵ (*En.*, IV. 4 [28]. 26, 1-10).

Como se pode ver, após as perguntas sobre a sensação da Terra e os tipos de sensação que ela deve possuir, o primeiro sentido concedido é o tato. Alguns pontos servem aqui de qualificação para o motivo de a Terra possuir sensações e, como foi dito, o tipo de sensações táteis que ela possui. O primeiro é a relação movimento-percepção, que parece ser indicado como fundamental no texto – como veremos mais tarde, ponto de foco dos comentadores. O segundo é a especificidade do tato da Terra. Como um ser vivo de tamanho considerável, sua percepção só pode ser de grandes objetos. Há também a relação, não tão clara, entre a Terra e os astros, que, apesar de ocuparem o mesmo nível ontológico nas *Enéadas*, recebem sensações distintas. Os astros possuem apenas a visão e a audição, enquanto a Terra tem os cinco sentidos (*cf.* *En.*, IV. 4 [28]. 26).

A associação da Terra e os planetas é algo comum nas *Enéadas*. Mas devemos ter em mente que a Terra não é exatamente um planeta para o pensamento antigo, mas o *mundo* enquanto tal – e enquanto *mundo*, nas *Enéadas*, associada a Héstia e a Deméter (IV. 4 [28]. 27, 16-17; 30, 19-20).⁶ Mesmo assim, a maneira como Plotino trata da Terra é semelhante à descrição dos astros. Ela partilha do mesmo estatuto ontológico – senão mais elevado –, com ela sendo considerada o primeiro ser a receber

⁵ Todas as traduções das *Enéadas* usadas neste artigo são de Maia (Plotino, 2022).

⁶ Esse tipo de associação da Terra com divindades – e mesmo como um ser vivo – não é uma característica individual do *corpus* plotiniano. Outros autores inseridos na mesma tradição fazem o mesmo. Para uma discussão sobre a Terra como um ser vivo divino na antiguidade ver Steel (2009).

uma alma individual. Essa definição ocorre, inclusive, dentro e em uma comparação com os astros.

Alguém perguntaria primeiro se há alma na terra, se é da esfera do todo, a única que Platão parece primeiramente dotar de alma, tal que um raio de luz na terra, ou ao dizer novamente que ela é a primeira e a mais antiga dentre os deuses no céu, dá a ela alma tal como também aos astros; [...] se são vistos muitos viventes que vêm a ser desde a terra, por que não diria ser ela mesma um vivente? E sendo tamanho vivente e não pequena moira do todo, por que não afirmaria que ela tem inteligência e que assim é um deus? E se também é cada um dos astros, por que não será vivente a terra, sendo parte do todo vivente? (*En.*, IV. 4 [28]. 22, 5-20).

No trecho, a Terra é, portanto, assim como dito no *Timeu* (40c), um dos deuses primordiais e um ζῷον, possuidor de νοῦς. Portanto, uma das divindades mais importantes possuidora de um corpo em conjunto com o Sol e a Lua. Por que então, diferentemente dos outros astros, ela possuiria um sentido menos elevado, como o tato? A pergunta se torna mais relevante quando analisamos no prelúdio a revelação de que a Terra possui sensações, pois é em comparação com os astros que a semente da discussão é plantada no texto.

Mas quanto ao sentir, como é? Como também os astros? Pois não é nem de carnes o sentir, nem de modo geral deve-se dar corpo à alma, para que ela sinta, mas deve ser dada alma ao corpo, para que o corpo seja e se salve; para a alma que tem capacidade de julgar, tem início, ao olhar para o corpo, fazer o julgamento das impressões dele. Mas quais são as impressões da terra, e seus julgamentos? Uma vez que as plantas, enquanto da terra, não sentem. (*En.*, IV. 4 [28]. 22, 27-33).

A discussão da sensação de Terra precisaria então passar pela discussão sobre a sensação dos astros. Por não terem corpos semelhantes aos nossos (“não tem carnes o sentir”), a explicação se complexifica, pois isso parece indicar que o tipo de sensação produzida nesses seres é diferente da humana, mesmo possuindo os mesmos sentidos. O próprio tema da αἰσθησίς dos astros é bastante comentado (como em IV. 3 [27]. 24 - 4 [28]. 17; 22; 25; 30; 41; 42). Com isso em mente, outro caminho para o debate

poderia ser morfológico e sensorial a respeito da diversidade dos órgãos dos sentidos entre os $\zeta\omega\alpha$, mais especificamente, quanto aos $\zeta\omega\alpha$ que possuem órgãos diferentes dos humanos. Nesse sentido, usar as conclusões de Plotino sobre a sensação dos astros é relevante. Porém, não sem suas dificuldades, já que de alguma maneira, a percepção-sensível dos astros é negada em uma discussão posterior:

O sol, ou outro astro, não ouve. E vem a ser o que é segundo a prece, porque uma parte veio a ser simpática com outra, como em única corda estendida: pois tendo sido movida embaixo, em cima também tem movimento. E frequentemente uma tendo sido movida, outra tem tal que a sensação segundo a sinfonia e por estar harmonizada por uma só harmonia.⁷ (*En.*, IV. 4 [28]. 41, 1-6).

É significativo que a negação da audição e da visão dos astros seja novamente em uma discussão mágica. Mas a mesma conclusão deve ser aplicada à Terra? Para Caluori (2015), sim – como veremos na próxima sessão. Porém, aplicar essa conclusão carrega suas próprias dificuldades, já que não é afirmado no texto que a Terra não possui sensações. Assumir que tudo o que é dito sobre os astros deve ser também transplantado para a Terra seria afirmar implicitamente que o texto não pode ser dissonante consigo mesmo. Além disso, o próprio texto abre possibilidade para abordar a Terra como um ser semelhante, mas não igual aos astros. Dessa forma, podemos questionar até que ponto a Terra e os astros são semelhantes, e em que medida as conclusões tiradas sobre um desses seres podem ser aplicadas ao outro.

Problemas e possibilidades de pesquisa

Como foi dito, são breves os comentários sobre a sensação da Terra, não havendo trabalhos abordando especificamente o problema. Kalligas faz menção à descrição do

⁷ A mesma negação aparece mais vezes, como em *En.*, IV. 4 [28]. 42, 1-3; 23-25.

tato como um elemento terroso por excelência e da diferença de percepção entre a Terra e os Astros em um pequeno parágrafo de seu comentário às *Enéadas*:

26.5–12. Εἰ δὲ τοῦτο . . . μὴ λανθάνειν: P.[lotino] seems here willing to ascribe to the earth something over and above mere participation in cosmic “awareness” (*sunaisthēsis*), as is the case with the stars (see above, 24.21–23): it somehow senses what takes place on it – provided that such occurrences are of sufficient size. Although this retreat can perhaps be explained by the prevalence of popular beliefs concerning “mother” earth’s ability for sense-perception, or other relevant Stoic theories (cf. Theiler 1930, 73), it also ties in well with the view expressed in Galen *PHP* [Sobre as doutrinas de Hipócrates e Platão] VII, 5.42–44, 462.3–9, according to which touch is the “earthliest” (*geōdesteron*) of the senses. P.[lotino] also accepts that, notwithstanding its cumbersomeness (cf. above, my comment on 22.26), the earth cannot be utterly immobile, because it has to react to the movements and influences of other heavenly bodies. Cf. Pl[atão]. Ti[meu]. 40b8; and CH [Corpus Hermeticum] XII 17, 181.3–8. (Kalligas, 2023, p. 102).

Como se vê, ele indica uma relação entre a passagem e o pensamento estoico (já apontado por Theiler como sendo de Posidônio), e a possível relação descrita por Galeno do tato como um sentido “terroso” (*γεωδεστέρω*).⁸ Porém, sem desenvolver o problema profundamente. O outro ponto marcado por ele é a diferença significativa entre a forma de percepção da Terra e dos astros que habitam o circuito celeste. Este segundo tópico parece ser o mais dissonante entre os comentadores, por isso acho que podemos começar a olhar o problema através dele. Por exemplo, na edição Harder-Theiler, não há diferença. Em sua interpretação, a percepção da Terra ocorre através da simpatia, assim como a dos outros astros (cf. Plotin, 1962, p. 524). Já para Caluori (2015, p. 128), nenhuma alma divina pode ser perturbada pelo que ocorre no mundo sensível, por estarem imersas na contemplação. No que tange à tópica da sensação da

⁸ Entretanto, não faz menção ao fragmento DK B 109 de Empédocles, retirado do *Sobre as Doutrinas da Hipócrates e Platão*, de Galeno (encontrado também no *De Anima*, 404b10-15), nem a duas passagens do *De Anima* (423a11-17 e 425a8) em que o tato é associado ao elemento terra. Essa relação parece ser frutífera para abordar o problema, porém não trabalharei essa questão no presente artigo.

Terra, é comparando-a com os demais astros que Caluori explica, na sua interpretação, as razões para que ela não tenha percepção sensível:

Firstly, see *Ennead* IV 4, 22: “But how does the soul of the earth perceive? For how do also the stars perceive?” (*Enn.* IV 4, 22, 27f). Secondly, at the beginning of chapter 24, Plotinus is still concerned with the question of whether the soul of the earth perceives or not. Starting with this question he explicitly generalises it to include all visible gods: “But if this is so, our investigation should not be confined to the earth, but must be about all the stars and most of all about the whole heaven and the world” (*Enn.* IV 4, 24, 12–14). Thirdly, in his discussion of whether the stars hear our prayers and need memory to remember them and to act later according to the prayers, Plotinus also resumes his discussion of the earth and, in chapter 30, discusses the soul of the earth (called Demeter and Hestia) in the context of the discussion of the souls of the stars. (Caluori, 2015, p. 132).

A defesa de Caluori se baseia na relação que o texto das *Enéadas* cria entre a Terra e os astros, sem levar em conta as diferenças marcadas no próprio texto, como, por exemplo, o fato de que é dito que a Terra precisa do olfato para a reposição de líquidos para nutrir os seres que dependem dela (IV.4 [28].26, 17-20). Como, também, que nessa conjuntura é significativo que sentidos, como o tato, sejam reservados a ela, e que os demais astros – que ouvem (ἀκούειν) e veem (όραν), mas apenas accidentalmente (κατὰ συμβεβηκός) (IV. 4 [28]. 25, 13-14.) – não o possuam, mesmo que a sensação lhes seja negada posteriormente no texto. O curioso é que Caluori, mesmo abordando o tema da percepção sensível da Terra, não cita a passagem em que os sentidos dela são trabalhados nas *Enéadas* (cf. Caluori, 2015, p. 125-8; 132-3). A interpretação de Caluori não aborda a Terra em sua especificidade no texto plotiniano, mesmo que, ao final, ele chegue à mesma conclusão.

Note-se que essa atribuição anímica que aparece no trecho é importante nesse contexto, pois, como apontou Kalligas, ela é necessária à relação movimento-percepção (noção clássica de que a presença da alma, que produz o movimento,

causaria por consequência, a percepção), ponto salientado pelos demais comentadores.⁹ A relação movimento-percepção e a percepção através da simpatia, ao mesmo tempo que são questões comuns à Antiguidade e também à αἰσθησίς plotiniana, não explicam sozinhas a concessão do tato à Terra. O foco que os comentadores dão à relação do movimento com a sensibilidade pode indicar, também, certos sintomas da dificuldade que é abordar não apenas os sentidos, mas as questões do mundo sensível, nas *Enéadas*:

As so often happens when Plotinus is discussing aspects of the sensible world, we find that the evidence is incomplete as well as scattered, and that the coverage of the subject is uneven. Thus we find that Plotinus has very little to say about smell, taste and touch, and not a great deal about hearing. There is a short but detailed

⁹ Bouillet, em sua tradução das *Enéadas* (1859, p. 370, n. 4) afirma: “Creuzer remarque judicieusement que les mots οὐχ ἀχίνητον, non immobile, signiflent ici sensible, et non pas mobile, comme le prétendaient Philolaüs et les Pythagoriciens: τὴν γῆν οὐχ ἀχίνητον εἶναι (Plutarque, De Placitis philosophorum, III, 13).”. Jesús Igal, em nota à sua tradução (1985, p. 413, n. 131), tampouco esclarece alguma coisa, embora, ao remeter a uma nota anterior (p. 407, n. 107) em IV. 4 [28]. 22, 15-35, comente sobre a relação percepção-movimento, onde há uma defesa da relação percepção-movimento na Terra e nos astros. Bréhier (Plotin, 1993, n. 1) sustenta que: “Il est déjà indiqué au chapitre xxn, 1. a6 sq. que l'immobilité de la terre n'est qu'une immobilité locale.”. Brisson e Pradeau, nas notas explicativas à tradução (2009), oferecem três observações sobre a passagem: a primeira (p. 258, n. 245), indicando de maneira simplificada a razão de ser necessário conceder sensações à Terra. “Puisque les deux conditions énoncées plus haut se trouvent remplies : la sensation ne peut se faire sans organe (chap. 23) et elle s'explique par le besoin dans lequel nous sommes (chap. 24. 1-12), il faut accorder la sensation à la terre (chap. 26, 5-fin).”. A segunda (p. 258, n. 246), em que ele indica a aprovação da terminologia técnica estoica de *hegemonikon* por Plotino. “Plotin se réapproprie une idée des stoïciens en prenant soin d'éviter leur vocabulaire technique, car Plotin parle de *hégoúmenon* non et les stoïciens, d'*hegemonikôn*.”. E, por fim, a terceira (p. 258, n. 247), em que ele disserta sobre o movimento lento da Terra como um dificultador para a percepção sensível, que provém do *Timeu*, 55d-e. “Il s'agit de la terre, qualifiée dans le *Timée* (55d-e) de corps *duskínêton*. Comme la connaissance sensible résulte dans un premier temps de la transmission d'un mouvement, le fait d'être difficile à mouvoir constitue un handicap pour la terre en ce qui concerne la sensation.” Além destes, Dillon & Blumenthal, em seu comentário às Enéadas (Plotinus, 2015, p. 403-5), não fazem propriamente uma observação técnica dentro da obra de Plotino, mas aproximam a ideia, diacronicamente, da Teoria de Gaia (1974), de James Lovelock, insistindo que o tipo de sensação e consciência que é conferida à Terra na *Enéada* poderia, de algum modo, antecipar o modelo de Lovelock da Terra entendida como um ser vivo. Mais adiante, porém, eles abordam genuinamente o texto plotiniano, observando o movimento da Terra como um indício de que ela possui alma e o uso da terminologia estoica com o termo *hēgoumenon*, como também sua percepção de grandes coisas.

treatment of the question why large objects appear small at a distance (II.8), a thorough discussion of the questions involved in the possible role of a medium between the percipient subject and the object of sensation (IV.5), but nothing on, for example, the composition of the sense organs. Without wishing to deny that Plotinus had any interest in explaining the phenomena of the sensible world, we may perhaps keep in mind the possibility that the subjects he picks for discussion are at least to some extent those which will contribute to the study of the intelligible world and the relation of the constituents of the sensible world with higher reality. (Blumenthal, 1971, p. 68-9).

Apesar de, como indica Blumenthal, os sentidos serem temas efetivamente tratados nas *Enéadas*, eles aparecem de maneira escassa e, quando entram em cena, a ênfase vai para a visão, e em outros momentos para a audição, por estes serem sentidos que se aproximam da contemplação ($\theta\epsilonωρία$).¹⁰ Mesmo quando trabalhados de alguma forma, diferentemente de autores como Aristóteles, em que há uma descrição clara das partes do sistema cognitivo – ou seja, uma separação entre a descrição mecânica dos órgãos sensoriais e o que é de fato percebido –, as *Enéadas* não abordam o tema dessa maneira. Por consequência, os comentadores dão mais atenção à percepção em detrimento da sensação. Alguns artigos foram publicados sobre os sentidos como a visão e a audição,¹¹ mas a maioria não lida com o tema diretamente. Na abordagem que tem sido discutida nas últimas décadas, a $\alpha\circ\sigma\thetaησις$ é considerada como percepção e como um tipo de conhecimento antagônico à $\theta\epsilonωρία$ ¹², o que mostra a reduzida bibliografia disponível.

¹⁰ Um bom exemplo está em I. 6 [1]. 3, em que a audição, assim como a visão, tem mais facilidade de reconhecer as coisas belas. A mesma atenção à visão e à audição é concedida em IV. 5 [29], sendo esses os únicos dois sentidos sendo diretamente trabalhados. Em IV 6 [41], 1, sentidos como o paladar, olfato e o tato são deixados de lado na discussão com a promessa de que os resultados da observação da visão podem ser aplicados a eles.

¹¹ Por exemplo, Ferwerda (1982) e Gurtler (2018).

¹² Oliveira (2020) apresenta um ótimo artigo indicando o problema da percepção-sensível no *corpus* plotiniano, suas teorias e dificuldades. Em seu artigo, ela define duas vertentes de interpretação da percepção-sensível em Plotino. A primeira, chamada realista, e a segunda, representacionista. A

Quando buscamos descrições sobre o tato ou teorias sobre ele, pouco pode ser dito de maneira concreta nas *Enéadas*, como indica o levantamento lexical feito por mim.¹³ A maior parte dos usos é metafórica ou está em uma descrição pouco explicativa. Nessa perspectiva, uma maneira de abordar o problema seria, por exemplo, identificar as conclusões tiradas sobre a visão e da audição e aplicá-las ao tato. Porém, mesmo com essa possibilidade, é importante ter em mente que, nas *Enéadas*, cada sentido possui sua peculiaridade. Por exemplo, em certo momento, há a tentativa de se entender a visão como uma espécie de tato (IV. 5 [29]. 4, 17-28), posição que é deixada de lado prontamente por Plotino, como indica Kalligas:

Consequently, in that manner, sight becomes a kind of touch, inasmuch as the sensory organ itself is extended until it comes into direct contact with its object. P.[lotino] identifies two possible reasons that would lead one to put forward such a claim: either (i) because there is a need to cover the distance separating the two; or (ii) because some other body is interposed and obstructs transmission. In case (ii), the removal of the interposed body would immediately restore sight, without the need for anything else. In case

primeira defende que as coisas existem no mundo de fato, mesmo sem a percepção, enquanto a segunda considera que a percepção só acessa uma representação das coisas sensíveis (Oliveira, 2020, p. 464). Para uma discussão mais completa da αἰσθησις em Plotino, ver Clark (1942); Blumenthal (1971; 1976); Morel (2002); Bonazzi (2005); Emilsson (1996; 2008); Magrin (2010); Chiaradonna (2012).

¹³ Os *lemmata* principais usados nas *Enéadas* que se relacionam diretamente com o tato são: ἄπτω (*pôr uma coisa em contato com outra*), que aparece nove vezes (II. 4 [12]. 14, 23; 9 [33]. 6, 7; III. 6 [26]. 15, 5; III. 9 [13]. 2, 7; IV. 4 [28]. 13, 10; 5 [29]. 4, 23; V. 1 [10]. 8, 14; VI. 7 [38]. 1, 5.); ἀφή (tato; *ação de tocar*), 20 vezes (II. 1 [40]. 6, 9; 4 [12]. 12, 30; 31; 8 [35]. 1, 22; IV. 3 [27]. 19, 17; 19; 4 [28]. 23, 36; 26, 6; 5 [29]. 1, 14; 2, 55; 4, 14; 23; 42; 7 [2]. 8, 35; VI. 1 [42]. 12, 5; 3 [44]. 17, 5; 18, 17; 7 [38]. 12, 28; 9 [9]. 11, 24.); ἐκτείνω (*estender as mãos para pegar algo*), 20 vezes (II. 4 [12]. 7, 12; 7 [37]. 1, 21; 54; 2, 17; 8 [35]. 2, 14; III. 6 [26]. 17, 11; IV. 3 [27]. 9, 40; 44; 15, 4; V. 1 [10]. 6, 10; 2 [11]. 2, 27; 8 [31]. 1, 26; VI. 4 [22]. 2, 30; 13, 2; 4; 5; 15; 17; 5 [23]. 10, 46; 6 [34]. 1, 5; 17, 27; 7 [38]. 1, 55; 35, 36.); θιγάνω (*tocar em algo ou alguém*), quatro vezes (IV. 7 [2]. 8, 13; V. 3 [49]. 10, 43; VI. 9 [9]. 4, 27; 7, 4.); κολλάω (*colar, unir uma coisa à outra*), três vezes (II. 1 [40]. 6, 31; 35; III. 6 [26]. 14, 23.); νύσσω (no grego pós-helênico, *tocar gentilmente*), também 3 vezes (IV. 5 [29]. 1, 18; VI. 6 [34]. 12, 5; 6.). Enquanto, os secundários, que têm alguma relação com o ato de tocar, como a de adjetivar o objeto tocado são: ἀρμογή (*toque entre rochas*), uma vez (III. 6 [26]. 2, 11); μαλακός (*agradável ao toque; macio; suave*), três vezes (II. 4 [12]. 12, 32; IV. 7 [2]. 4, 23; 8, 36.); σκληρός (*duro; seco; áspero*), três vezes (II. 4 [12]. 12, 32; 9 [33]. 18, 26; IV. 7 [2]. 23.); σκληρότης (*dureza; rigidez*), uma única vez (II. 1 [40]. 6, 50.). A análise foi feita usando a base de dados TLG.

(i), we need to assume, again, that the visible object is completely inert, that is, that nothing radiates from it to its environment. Yet this contradicts the observation that even touch has the ability, in certain cases, to receive stimuli from afar, such as, for example, the thermal radiation from a fire, which is much more potent and faster than heat transmission through the air. (Kalligas, 2023, p. 140).

A necessidade de diferenciar os sentidos causa dificuldade para essa saída, principalmente, por Plotino evitar mesclar os sentidos em seu discurso. Por outro lado, abordar a especificidade do tato, que não é recorrente no texto, a partir de sentidos que possuem as suas próprias singularidades não seria, em princípio, uma boa estratégia. Dessa forma, o estudo da tópica pela ótica de uma abordagem “sinestésica” (permutando a percepção entre dois ou mais sentidos) se torna de mais difícil execução.

Conclusão

A análise desenvolvida no artigo indica como a abordagem dos comentadores pode ser frequentemente enviesada pela tentativa de harmonização entre os diferentes trechos das *Enéadas*, sem dar a devida atenção à especificidade da Terra no *corpus* plotiniano. A noção de uma univocidade ou de que a doutrina plotiniana não pode ser conflitante consigo mesma conduz a esse tipo de leitura dos comentadores. Talvez o melhor exemplo nesse caso seja a leitura de Caluori – também por ser o texto mais completo sobre o assunto até o presente momento. A analogia entre a Terra e os astros, se vista dessa maneira, funciona muito bem para negar-lhe a percepção sensível, como é muito bem argumentado por ele. Mas, por seguir essa abordagem, ele ignora passagens em que a descrição da Terra diverge da condição dos astros. É claro que essa é uma questão puramente metodológica, mas isso não quer dizer que não possa ser contestada. Ao mesmo tempo, há pouco para se embasar para debater o tema, e o mesmo problema de falta de bibliografia demonstrado aqui se aplica a sua pesquisa. Ainda assim, caminhos de investigação são possíveis de serem explorados, como a

comparação da descrição dos sentidos dos astros, não com um propósito de uniformização, mas de realçar suas diferenças. Desse modo, a abordagem seria a de apontar indiretamente para as características sensíveis da Terra através da negação do que ela não é. Outros autores que tentam de alguma maneira trabalhar o problema sofrem da mesma forma.

Como foi dito, as dificuldades de tratamento do problema se devem, em parte, à natureza esparsa e com que os sentidos são abordados nas *Enéadas*. Mesmo com o privilégio concedido à visão e à audição por sua associação com a contemplação, a discussão acaba relegando seu aspecto mecânico (do funcionamento dos órgãos sensoriais) a um papel secundário. Esse aspecto é repercutido pela maneira como os comentadores abordam a percepção-sensível, o que torna mais difícil tratar de sentidos como o tato, que aparecem com pouca frequência, como demonstrado pelo levantamento lexical. A menção de Kalligas à relação entre o tato e a “terrosidade” do sentido, por exemplo, ainda que relevante, permanece superficial diante da complexidade do tema, ainda que sirva de pista para um possível desenvolvimento da questão futuramente. O próprio exame de noções como *sympatheia* do cosmo, e a articulação entre movimento e percepção são também maneiras de lidar com a problemática. O mesmo pode ser dito sobre a via sinestésica que, embora promissora, esbarra na rigidez com que os sentidos são trabalhados e diferenciados nas *Enéadas*, o que limita a eficácia de analogias cruzadas entre eles.

Não houve pretensão de resolver todos esses pontos abertos na discussão, mas apenas demonstrar as possibilidades e os limites encontrados com cada uma delas no que tange a tópica da Terra tátil. Mesmo que o tema tenha sido pouco trabalhado, é a partir das abordagens dos comentadores que essas possibilidades se apresentam. Os aspectos do mundo sensível nos estudos plotinianos – e neoplatônicos no geral – têm recebido mais atenção nos últimos anos. Por isso acredito que o tema da sensibilidade

de seres não humanos (no caso, a Terra) seja apenas uma das pesquisas possíveis a nascerem desse movimento.

Referências bibliográficas

Bibliografia primária

- ARISTÓTELES. *De Anima*. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DIELS, H.; KRANZ, W. *Die Fragmente Der Vorsokratiker*. Band 1-3. Berlin: August Raahe, 1959-1960.
- PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Tradução do grego, introdução e notas Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.
- PLOTIN. *Ennéades IV*. Texte établi et traduit par Émile Bréhier. 1^{re} édition 1927. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- _____. *Les Ennéades de Plotin*. Traduit par M. Bouillet. Paris: Hachette, 1859. t. 2.
- _____. *Plotins Schriften*. Band II, Die Schriften 22-29 der chronologischen Reihenfolge. Übersetzt von Richard Harder. Neubearbeitung mit griechischem Lesetext und Anmerkungen fortgeführt von Rudolf Beutler und Willy Theiler. Hamburg: Felix Meiner, 1962.
- _____. *Traités 27-29*. Traduction sous la direction de Luc Brisson et Jean-François Pradeau. Paris: GF-Flammarion, 2009.
- PLOTINO. *Enéada IV*. Introdução, tradução e notas de Juvino A. Maia. João Pessoa: Idea, 2022.
- _____. *Enéadas III-IV*. Introducción, traducción y notas de Jesús Igal. Madrid: Editorial Gredos, 1985.
- PLOTINUS. *Ennead IV.3-IV.29: problems concerning the soul? Translation with an Introduction and Commentary* John M. Dillon and H. J. Blumenthal. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2015.
- _____. *Opera*. Ed. P. Henry and H.-R. Schwyzer. Plotiniana Arabica. Trans. G. Lewis. Paris: Desclée de Brouwer. 1959. t. 2: *Enneades 4-5*.

Bibliografia secundária

- BLUMENTHAL, H. J. Plotinus' Adaptation of Aristotle's Psychology: Sensation, Imagination and Memory. In: HARRIS, B. R. (ed.). *The Significance of Neoplatonism*. Norfolk: Old Dominion University Foundation, 1976. p. 41-58.
- _____. *Plotinus' Psychology: His Doctrines about the Embodied Soul*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1971.

- BONAZZI, M. Plotino, Il Teeteto, gli Stoici. Alcune osservazioni intorno alla percezione e alla conoscenza. In: CHIARADONNA, R. (ed.). *Studi sull'anima in Plotino*. Napoli: Bibliopolis, 2005.
- CALUORI, D. *Plotinus On The Soul*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CHIARADONNA, R. Plotinus' Account of the Cognitive Powers of the Soul: Sense Perception and Discursive Thought. *Topoi*, v. 3, p. 191-207, 2012.
- CLARK, G. Plotinus' Theory of Sensation. *The Philosophical Review*, v. 51, n. 4, p. 357-382, 1942.
- EMILSSON, E. K. Cognition and this object. In: GERSON, L. P. *The Cambridge Companion to Plotinus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 217-249.
- _____. *Plotinus on Sense-Perception: A Philosophical Study*. 1^a ed. 1988. New York: Cambridge University Press, 2008.
- _____. Plotinus on Sympatheia. In: SCHLIESSEN, Eric (ed.). *Sympathy: A History*. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 36-60.
- FERWERDA, R. Plotinus on Sounds: An Interpretation of Plotinus' *Enneads* V, 5,519-27. *Dionysius*, v. 6, p. 43-57, 1982.
- GURTNER, G. M. Plotinus on Light and Vision. *The International Journal of the Platonic Tradition*, v. 12, p. 151-62, 2018.
- KALLIGAS, P. *The Enneads of Plotinus: a commentary by Paul Kalligas*. Translated by Nickolaos Koutras. Princeton: Princeton University Press, 2023. v. 2.
- MAGRIN, S. Sensation and Scepticism in Plotinus. *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, v. 39, p. 249-97, 2010.
- MOREL, P.-M. La sensation, messagère de l'âme. Plotin, V, 3 [49], 3. In: DIXSAUT, M. (dir.). *La connaissance de soi: Études sur le traité 49 de Plotin*. Paris: Vrin, 2002.
- OLIVEIRA, L. Sobre a Percepção em Plotino. *Kriterion*, v. 146, p. 463-480, 2020.
- PINHEIRO, M. R. O Eros da Physis e o mágico primordial em Plotino. *O que nos faz pensar?*, v. 30, n. 51, p. 262-79, 2022.
- STEEL, C. The divine Earth: Proclus on *Timaeus* 40bc. In: CHIARADONNA, Riccardo; TRABATTONI, Franco (ed.). *Physics and Philosophy of Nature in Greek Neoplatonism: Proceedings of the European Science Foundation Exploratory Workshop*. Leiden; Brill. 2009.